

Seculo - 15-1-1940

O leilão dos Irmãos Unidos

ARREMATADO POR 1350 CONTOS O RETRATO DE PESSOA POR ALMADA • FEZ O LANCE FINAL O NEGOCIANTE MICKNICKS

Quem não recorda os versos de «A Tabacaria»? «Olha que não há mais metafísica senão chocolates/Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria... Mas nenhuma confeitaria ou congénere prevalece sobre as novas religiões: quantas pequenas capelas da velha boémia lisboeta, quantos marcos da pequena história das artes e letras do sítio, não se tornaram templos dos grandes deuses da banca ou da moda, com o engenho de decoradores caros a apagar das paredes o limo das recordações mais gratas?

Foi o caso recente — já aqui o referimos — dos Irmãos Unidos, onde, mau grado as remodelações e a clientela sofisticada, ainda nos visitavam as vezes do «Orpheu», o fantasma de Sá Carneiro, a memória de Pessoa. Também as suas portas se fecharam, como pano a descer no final de uma peça sem reposição possível. E o velho restaurante, assim morto há dias (que de camisas ali vão vender-se, ó Alvaro de Campos!) foi agora a sepultar: depois de haver ostentado o rubro pavilhão da iconoclastia literária, desfraldou ontem, numa tarde chuvosa, a bandeira vermelha dos leilões inglórios. Foi à praça o seu recheio. E jamais um pregoeiro se pareceu tanto com o tal «Esteves sem metafísica» que da porta da tabacaria saudava o poeta...

Não comprar a tempo pode sair caro...

Falar do recheio dos Irmãos Unidos é falar, antes de mais (ou só?), do retrato de Fernando Pessoa, que, pintado por mestre Almada Negreiros há quinze anos, desde então lhe ornava uma das paredes características. E o quadro deu ao leilão foros de verdadeiro acontecimento: após uma batalha em que escassos contendores rivalizaram em lances de dezenas de milhares de escudos, o quadro «ficou» em... 1350 contos! Arrematou-o o conhecido negociante de arte Joaquim Micknicks. E, embora este não se houvesse apresentado como mandatário de terceiros, não se pode

deixar de lembrar que se trata de um especialista que frequentemente, em realizações do género, intervém como intermediário da Fundação Gulbenkian — essa mesma Fundação que há poucos anos, encontrando-se interessada em adquirir o quadro, não o fez por não concordar com os 400 contos que os proprietários do restaurante então teriam pedido...

300 contos à partida

Eram, aproximadamente, 17 horas quando o retrato de Pessoa foi à praça. Na bancada do pregoeiro, o proprietário da firma que se encarregara da hasta — Soares & Mendonça. Apinhado o salão, varrido pelos pro-

a partir de agora o proprietário oficial da obra.

«É curioso: há quinze anos recebi trinta contos...»

— Que penso do resultado deste leilão? Respondo-lhe com uma frase de minha mulher: é uma prova de que os artistas servem mais do que são servidos.

Assim começou por nos falar Almada Negreiros, quando o surpreendemos, a um canto, confundido com a multidão. Também ele ali viera, acompanhado da esposa, Sara Afonso. Viera, mas tarde: quando chegou, já o retrato do seu amigo fora arrematado, e outra gente, de outros interesses, disputava os apetrechos da cozinha... E foi O Seculo quem lhe deu conhecimento do destino do quadro e da quantia que rendera.

— Que destino mais desejava para ele, mestre Almada?

— Que ficasse em Portugal — adianta-se Sara Afonso.

E Almada:

— Este quadro pertence muito mais a nós do que ao cosmopolitismo. E parece-me ter tido agora uma prova de haver servido a cultura portuguesa.

Para Almada, o retrato de Pessoa é como que o encontro de tudo o que um criador pode procurar na coisa criada. É a lembrança de algo querido — neste caso, um amigo raro —, mas também uma obra que, por si mesma, vale, sem referência necessária à anedota.

— Este quadro tinha muito de emoção para ter sido só pintura. Mas tenho a sua confirmação na repetição que dele fiz para a Gulbenkian. Sobre tudo, parece-me marcar a transição entre tudo o que está antes dele e tudo o que está depois dele. Que estava antes? O povo que o diga!

Relações de estilo entre esta e outras obras suas? Almada interrompe:

— Não é o estilo, é a culpa do artista!

Ainda quanto aos 1350 contos...

— É curioso: há quinze anos, recebi trinta contos! Mas note que não me encomendaram o

assunto. Só me encomendaram um quadro. Fiz duas tentativas, mas excediam o orçamento. Por fim, ficou o Fernando Pessoa. Agora, que o restaurante desaparece, sim, tenho pena, tenho sentimentalissimamente pena (assim mesmo, no superlativo), embora isto já não fosse o que era.

Assim nos falou mestre Almada. Pessoa, esse, a bica na frente, «Orpheu» ao lado, caneta a ferir o papel, não entrou na entrevista: dir-se-ia que estava só, e sonhava saudade...



Almada Negreiros também «lá» estava. «Este quadro tinha muito de emoção para ter sido só pintura»

FICA EM PORTUGAL

O retrato de Fernando Pessoa não sairá do País: um despacho do ministro da Educação, exarado antes do leilão, mandou inventariar o quadro, pelo que este não poderá ser negociado sem prévia autorização daquele Ministério, nem levado para fora das nossas fronteiras.

jectores da R. T. P. Uma multidão compacta, prolongada pelos que ficaram à porta.

Qual a base de licitação? Sobre este ponto houve prévia troca de impressões entre o sr. Mendonça e os eventuais interessados. Falou-se em 1000 contos — mas considerou-se excessivo. Quinhentos? Ainda era muito. E o retrato do autor da «Mensagem» acabou por ir à praça por 300 contos. Depois, foi a escalada, a golpes de 50 contos, 30 e 10. E em breve a competição passou a envolver apenas três dos presentes: uma senhora não identificada (mas que representaria determinado museu português), Micknicks e um confrade deste, igualmente conhecido no meio, Manuel Brito. A primeira desistiu ao fim de algum tempo, no que veio a ser seguida pelo terceiro, incapaz, pelo visto, de acompanhar as sucessivas paradas daquele que é